

suicidar e fá-la sua amante. Bebe chá com ela, depois gingham, e «o figado faz-lhe das suas». Queixa-se muito da vida, da realidade, da imaginação, e acaba o livro.

Os primeiros capítulos, se exceptuarmos a prosa, que é sempre má, são aceitáveis. Há ali uma preparação para qualquer coisa que não vem. Se se objectar que o conflito reside na ausência dum conflito sério, se se argumentar com o título, se me disserem, com o autor, que os maiores dramas são os que criamos com a nossa imaginação, responderei: «Bússola Doida» é um título intelectual, mas o livro não o é; a inquietação espiritual do protagonista não interessa porque se trata dum espírito mediocre; os dramas criados pela sua imaginação não correspondem ao que quer que seja de elevado, ou de baixo, de puro ou de impuro, de significativo, enfim. O drama da adolescência, ou o da mocidade que pretende fixar-se no lugar que lhe impõe a natureza, está ainda por fazer entre nós. O Toneca do livro é um muito pobre exemplar da espécie humana para que possa ter sentido humano o seu girar de ventoinha. Sensual, mas desajeitado, nada teve a justificar a sua ânsia de drama: possuiu amantes (é amante de quasi toda a gente do li-

vro), não tinha uma sensibilidade que o fizesse recuar ante os lupanares, não procurava nas mulheres que apareceram na sua vida mais do que elas lhe pudessem dar (Estela e Joaninha eram boas pequenas, coitadinhas, mas mediocres, à mesma altura d'ele), por consequência só podia acusar-se de falta de jeito, o que não é, positivamente, um sofrimento de ordem metafísica, principalmente quando se tem uma Maria Eduarda ou uma Efigénia para ir entretendo. Quando possui Joaninha e Estela, na sua ânsia de «dramatização», fá-lo de livre vontade, calculadamente, e está em plena juventude. De que se queixa então?

Pretende o autor por vezes fazer ironia, outras dar significação transcendental a objectos que para ele materializam circunstâncias da sua vida. Faz tudo isto, mas desastrosamente. Assim aparecem como elementos pseudo-humorísticos as dores no queixal e no figado, o *smoking*, a cigarreira que o afasta de Estela, os *dois tintos* bebidos por Jorge, a campainha eléctrica que lhe lembra uma intimidade de Joanninha. O processo de valorizar as coisas aparentemente insignificantes, já muito usado, poderá ainda dar resultado noutras mãos.

Disse, rapidamente, o que

penso da prosa deste livro: é muito má. E não vale a pena exemplificar com longas citações. (1)

O diálogo apresenta a futilidade que de facto se verifica entre pessoas que correspondam às personagens descritas pelo autor. Quere dizer, tem alguma verdade, mas uma verdade que não apresenta longes de critica, uma verdade *assim mesmo*, como a do actor gago que desempenhasse maravilhosamente um papel de gago. De resto, as próprias exclamações do protagonista, que fala na primeira pessoa, mesmo quando mais transcendentales (exemplos: «Sim, a vida era bestial!» «O amor—isso era uma treta!...») denotam um espirito nada superior ao meio em que vive nem às pessoas que o cercam, para que se justifique uma attitude tão enojada perante a vida.

Quere-se linguagem mais despejada do que a das personagens de *Suor*, de Jorge Amado? No entanto o romancista, nas suas curtas descri-

(1) Tive occasião de me referir noutro lugar a esta obra, por circunstâncias incidentales, analisando então mais largamente o seu estilo, o que de forma alguma me inibe de fazer a critica da mesma para *Sol Nascente*, como tencionava.

ções, faz estar sempre presente o artista, o psicólogo e o homem compadecido que há n'ele, sem de maneira alguma se identificar com as suas personagens.

Toneca, o homem que tem horror aos quadros do Louvre e que não gosta de estátuas, poderia ter algum interesse na sua vida, mas esse interesse só poderia ser dado pelo escritor que se sobrepuasse a ele, sem se confundir com ele. O processo podia até ser o autobiográfico, sem que a superioridade do autor deixasse de se notar. (Um exemplo: o *Journal de Salavin*, de Georges Duhamel.) Tal como está escrito, «Bússola Doida» é a crónica fútil dum homem fútil, que fala em dores que nunca chegam, dum senhor que emprega muito o adjectivo «formidável» e que tem mentalidade de cinéfilo. Só visto dum ângulo que nos desse uma visão critica poderia interessar.

Aleixo Ribeiro teve o ensejo, fornecido pelo director da Colecção de Autores Modernos Portugueses, de publicar uma obra em que pusesse o melhor da sua personalidade, e teve, ainda por cima, seis anos para pensar no que tinha feito, visto que o livro foi escrito em 1932. Julgo que a benevolência da critica neste caso não é de aconselhar.

J. P. A.

A POESIA DE SUPERVIELLE

—ensaio de Adolfo Casais Monteiro,
edições "Presença" — 1938

O ensaio de Adolfo Casais Monteiro «*Descobertas No Mundo Interior: A Poesia de Jules Supervielle*», saído há meses numa revista portuguesa foi, suponho, a primeira contribuição para o conhecimento em Portugal de Supervielle e sua obra (poética). Mais recentemente, concedeu este escritor francês uma entrevista a Jaime Brasil, para *O Diabo*, através da qual ficamos a conhecer algumas opiniões suas sobre poesia.

Entre elas tomam relêvo especial o considerar definitivamente morto o movimento obscurantista dos super-realistas, assim como o afirmar, categoricamente, ser necessário humanizar de novo a poesia e restabelecer o contacto entre o poeta e os outros homens.

E' pois deste poeta que Casais Monteiro nos fala no ensaio a que nos referimos acima, agora publicado em volume.

Parece, no entanto, que a obra de Supervielle não é coherente com a afirmação citada do autor sobre a obscuridade na poesia, pois Casais Monteiro diz: «...São com efeito *sem nome* muitas das coisas que o poeta procura dizer-nos e, por isso mesmo não há para tantos dos seus poemas tradução possível em termos lógicos, porque não significam nada. E mesmo quando essa tradução é possível, permanece uma grande zona de

inexplicável, de intraduzível».

Já entre o sentido humano da arte de Jules Supervielle (através do ensaio de Casais Monteiro) e as suas próprias opiniões nenhuma contradição se nota.

E assim, desde a imprecisão de «*Poèmes*» à fraternidade de «*Les Amis Inconnus*», ele surge-nos terno, humano, comungando com as suas *criaturas* nos seus males.

A-pesar-de, nisto, ser categórico, (1) certas restrições,

(1) «Ora Supervielle não é um poeta metafísico...» (pg. 37).

certo colorido de linguagem dão-nos a impressão que Casais Monteiro se compraz em vislumbrar uma certa abstracção imaterial na fraternidade da poesia de J. Supervielle.

A preceder o ensaio, escreveu C. M. um prefácio em que faz algumas considerações sobre certos problemas poéticos que de algum modo se prendem com a evolução da poesia francesa e com o *ambiente* em que Supervielle surgiu (como poeta, somente). Aqui e ali, no prefácio como no ensaio, aproveita C. M. o ensejo para defender a poesia moderna. E, digamos, não a defende nada mal.

M. A.